

SOUZA, Luiz Alberto Gómez de: Uma fé exigente, uma política realista. Rio de Janeiro: Educam, 2008. 161p.

A demanding faith, one realistic politics

João Batista Libanio*

A relação entre fé e política assumiu, ao longo da história, diversas figuras. Nas décadas recentes, vivemos situações extremamente instigantes no contexto latino-americano. Gómez de Souza esteve no seu epicentro. Conheceu a figura evanescente de cristandade, bebeu nas fontes renovadoras de Maritain e nas reflexões críticas de Mounier. Conheceu os cálidos anos antes e durante a redação da Constituição Pastoral *Gaudium et spes*, a Carta Magna da Igreja Católica no campo da relação com o mundo. Sofreu os duros anos de engajamento político no turbulento Brasil da década de 1960, em que a Ação Católica especializada significou posição original de compromisso político a partir da fé. Viveu o nascimento da teologia da libertação e das comunidades eclesiais de base. Debateu com as tendências de neocristandade de direita e de esquerda. Em todas essas situações buscou a lucidez teórica e prática. Depois que voltou ao Brasil em 1977, priorizou trabalhar em nível de sociedade civil e não do Estado. Aposta no processo de mutações sociais brotado das profundezas da sociedade, da cultura e dos valores, no interior das consciências e de novas sensibilidades, e não na conquista do Estado pelo poder para impor de cima as transformações sonhadas.

Com essa maravilhosa experiência, traz para o leitor atual reflexões altamente pertinentes. Atravessa-lhe o pensamento a clareza de distinção das autonomias da política e da fé. Dispõe de detector sensível de misturas de instâncias, mesmo quando as aparências se mostram sedutoras. Embora muitas de suas considerações venham de décadas passadas e não reivindiquem nenhuma originalidade presente, soam, porém, novas por causa de certa amnésia das conquistas teóricas e práticas de momentos anteriores.

Tanto ímpetos conservadores com o fundamentalismo político islâmico, cristão, judaico e também católico, quanto surtos esquerdistas

* Doutor em Teologia (Gregoria-Roma) e professor da Faje (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia), e-mail: secteologia@faculdadejesuita.edu.br.

embaralham os campos entre política e religião. Em tais circunstâncias, as ideias de Gómez de Souza soam atuais e pertinentes.

O livro aborda uma série de temas relacionados com a vida da Igreja. Tratou com muita liberdade o “Caso D. Cappio”. Apesar de mostrar carinho e respeito pelo bispo, assumiu atitude crítica em relação à confusão do uso da figura episcopal na defesa de uma causa secular, tal como a transferência do Rio São Francisco, de aspectos técnicos e políticos complexos. Questionou o caráter profético e muito mais ainda de martírio do gesto, já que não se respeitava a autonomia das instâncias.

Mereceram sua consideração a visita do Papa, a Assembleia de Aparecida, a relação da Igreja com os movimentos sociais, vicissitudes políticas da Igreja nos tempos militares, na Espanha de Franco, na ambiguidade da Democracia cristã do Chile, na política da Igreja no campo da saúde e em outras circunstâncias. No conjunto da reflexão, firma a posição contra qualquer autoritarismo, dogmatismo e clericalismo no sentido de impor uma posição desde os interesses da Igreja no campo social e político.

Tem dois capítulos muito bonitos em que admira a posição corajosa de cinco bispos da atualidade: D. Hélder, D. Aloísio Lorscheider, D. Luciano Mendes de Almeida, D. Clemente Isnard e o Cardeal Martini. Tece páginas de estima e reconhecimento por outros homens de Igreja por sua atividade lúcida, como D. Paulo Evaristo, D. Erwin, D. Moacir etc.

Outro conjunto de artigos versa sobre a nova situação política da América Latina com o nascente protagonismo de índios, classes populares, mulheres, ao reagirem em face das velhas oligarquias do Continente. Nessa perspectiva analisa positivamente o governo Lula e desconfia de uma direita irritada e de uma esquerda moralista. Mais: interpreta a figura de Lula num contexto amplo do significado simbólico de um operário metalúrgico migrante substituir um doutor da Sorbonne. A alternância de dois mundos muito diferentes. Lê o governo Lula a partir do sentir das camadas populares que o apoiam e lhe dão credibilidade raramente vista e não de esquerdas ambiciosas ou de direitas raivosas. Houve, na verdade, importante, paulatino e efetivo processo de inclusão social.

Distingue bem o que são imperativos éticos ou verborreia moralizante a esconder interesses suspeitos. Não nega os erros do PT, sua arrogância em julgar-se imune às tentações do poder. Gómez de Souza

sente verdadeira ojeriza pelas análises abstratas, semeadas de frases feitas, bonitas e idealistas, sem pé na realidade concreta dos processos históricos. Estes caminham no meio a lutas, ambiguidades, possibilidades concretas e não trilham as vias asfaltadas de ideologias fantasiosas, moralistas, impregnadas até mesmo de frases piedosas do evangelho.

Atrai o olhar de Gómez de Souza o novo protagonismo popular no cenário político latino-americano. As análises do autor se alimentam de amplo conhecimento de processos históricos do Continente e de fora dele, e trazem luzes para as conjunturas atuais e suas possibilidades. Trabalham bem o significado dos novos protagonistas políticos do Continente: Lula (operário), Evo Morales (índio), Rafael Correa (ligado ao movimento indígena). No Peru, um mestiço quase ganhou. As manifestações pró e contra Chávez revelam a diversidade dos dois mundos. É verdade que o autor mostra certas reservas à figura populista de Chávez. Kirchner e Cristina vêm de província afastada de Buenos Aires. Tabaré Vasquez acaba com a alternância histórica e elitista de *blancos* e *colorados* no Uruguai. Michele Bachelet no Chile, presa e torturada, significa a derrota do bairro alto pelo povo das *poblaciones*. Daniel Ortega está de volta na Nicarágua. No Paraguai acontece a vitória de Lugo, que renunciou ao episcopado para servir politicamente ao povo. Tal fato mereceu análise mais ampla. A grande exceção fica por conta da Colômbia, reduto do reacionarismo filoamericano. Nas análises dos diversos países, Gómez de Souza não esconde a complexidade e a ambiguidade da situação. Mas nem por isso perde de vista o filão de libertação que se estende pelo Continente. Percebe que os setores populares sinalizam sua presença, suas exigências e rechaçam as receitas da direita.

Preside às análises uma quase obsessão, herdada de Marx, do cuidado atento aos processos históricos que podem mudar de uma hora para a outra. Sente a necessidade de subir do abstrato para o concreto. Sua crítica se volta contra muitas análises de alguns que até mesmo se dizem seguidores de Marx, mas se fecham num plano filosoficamente idealista e ideológico, a partir de teses gerais mitificadas, preconceituosas ou emocionais, sem raízes na realidade.

As análises de Gómez de Souza passeiam entre dois extremos que ele refuga inúmeras vezes. Um setor (economista) conservador que se rege pelos resultados macroeconômicos, preso ao fetiche do mercado, e uma esquerda ideológica, fixada em *slogans* contra um inimigo abstrato sem propostas concretas de transformação.

O melhor do livro resume-se a dois pontos: assume posição eclesial de liberdade e pluralismo em reação aos dogmatismos piramidais de qualquer cor que seja na defesa da autonomia da fé e da política, uma em face da outra, e uma visão matizada e esperançosa do processo político popular latino-americano e em especial do Brasil, demonstrando enorme conhecimento histórico dos fatos, dos seus protagonistas. O livro nos deixa desafiante dever de casa. “Ação na sociedade, avanços científicos rápidos, ousadia do sagrado: três vetores que temos de levar em conta se tivermos sensibilidade de percepção, vontade e mesmo uma pitada de audácia”. E a modo de anexo se lê belíssima carta de Alceu Amoroso Lima ao autor do livro, datada do dia do golpe militar de 1964, a mostrar a perplexidade do momento, mas também a esperança. Por aí vamos, leitor. Vale a pena que você o confira.